

ADRIANA COTIAS
SÃO PAULO

Continuação da página A-1

Com a possibilidade de pagamento total da fatura no vencimento sem juros ou encargos — prática que não encontra correspondência nos demais mercados —, estima-se que no Brasil só 30% daqueles que têm o dinheiro de plástico no bolso recorram ao financiamento pelo rotativo, a taxas pós-fixadas e, portanto, suscetíveis ao vaivém do mercado e da política monetária.

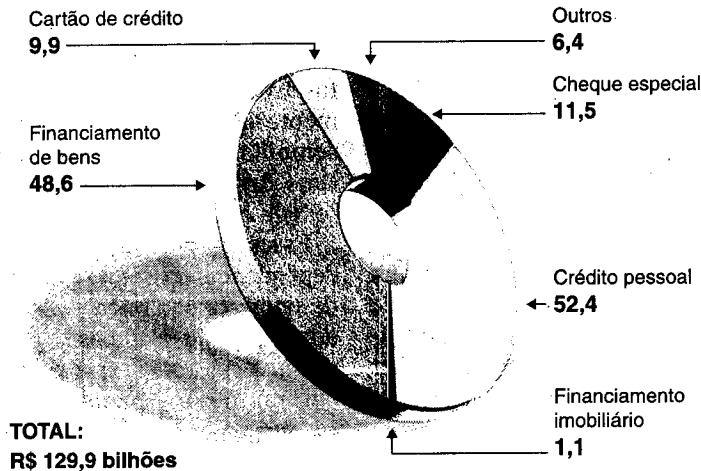
Pelos dados mais recentes do Banco Central (BC), o volume tomado em cartões de crédito era de R\$ 9,8 bilhões em abril, menos de 8% dos saldos destinados às pessoas físicas, de R\$ 129,9 bilhões (isso porque a contabilidade do BC inclui na estatística de cartões não só o valor financiado no rotativo, como também parcelas em atrasos e faturas a vencer).

De qualquer forma, a proporção crédito é muito pequena, considerando-se que o faturamento da indústria de cartões supera os R\$ 100 bilhões anuais. “Depois dos anos de hiperinflação, o brasileiro passou a ter dificuldades em lidar com o rotativo”, diz o sócio da **Partner Consultoria**, Álvaro Musa. Com a disseminação do crédito parcelado, o especialista espera que o índice de financiamentos via cartão suba a, pelo menos, 50% em pouco tempo. “A taxa já chegou a 70%”, recorda, referindo-se a fins dos anos 70, quando presidiu a **Credicard**.

As primeiras experiências com o parcelado têm se mostrado bem sucedidas. A própria **Credicard** começou a testar o modelo no início do ano passa-

A FATIA FINANCIADA PELO DINHEIRO DE PLÁSTICO

Saldo por modalidade de crédito - Pessoa Física*
(em R\$ bilhões)



Fonte: Banco Central * Dados referentes a abril/2005

do, com o financiamento de contas de concessionárias de serviços públicos e hoje 20% dos financiamentos feitos via cartão já são na forma parcelada. “É preciso agregar valor na relação com o consumidor para

que ele priorize o seu cartão na hora de fazer a compra”, diz o vice-presidente de Marketing, Fernando Chacon.

É uma questão de sobrevivência. No dia a dia, os gestores de cartões têm que concor-

rer com outras modalidades que já têm a prefixação como princípio, na medida do gosto do consumidor. E com o advento do consignado tão mais difícil o apelo do produto como instrumento efetivo de crédito.

Com uma base de 1,9 milhão de cartões e faturamento anual de cerca de R\$ 4,5 bilhões, a proporção no rotativo no **Santander Banespa** varia entre 30% e 40%. O chefe da área de Cartões, Cassius Schymura, não tem uma estimativa do quanto essa porção pode aumentar com o parcelado, que começou a ser adotado no início do ano, mas diz que os volumes financiados tendem a crescer, principalmente, entre aqueles que recorrem ao giro e não costumam pagar a fatura integral no vencimento. “Com mais prazo e taxas menores, aumenta-se a capacidade de endividamento do cliente”, argumenta.

Continua na página B-2